

O ESTUDO SOBRE A ALFABETIZAÇÃO E O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Wansley Ferreira de **Freitas** (PG-UEMS)¹
Renata **Lourenço** (UEMS)²

^{1,2}Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 79500-000, Paranaíba, Brasil.

RESUMO

Este artigo é o resultado parcial de uma pesquisa de mestrado que visa abordar a alfabetização de adultos e o conceito de alfabetização, partindo de uma perspectiva dos índices apresentados na pesquisa do novo perfil do alunado da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Tendo como objetivo principal a abordagem e definição de autores como Schwartz (2012), Paulo Freire (1970, 1979, 1981, 1989, 1996, 2001) e Morais (2012), que dão todo o embasamento teórico para esta pesquisa. Foi empregada a pesquisa bibliográfica, por meio da utilização dos procedimentos de localização e seleção de livros, dissertações e teses que tratam do tema em estudo. Os resultados desta pesquisa serão de grande relevância para o meu estudo pelo fato de me ajudar a compreender qual terminologia é empregada ao nível de alfabetização e como os educadores da EJA, devem ficar atentos aos novos alunos que estão frequentando a sala de aula.

Palavras - Chave: Pesquisa. Jovens e Adultos. Alfabetização.

ABSTRACT

This paper is a partial result of a master degree research that aims make an approach of the adult literacy and the concept of literacy. It takes a perspective of the indexes presented in the research of the new profile of the students of EJA (Youth and Adult Education). The main goal is the approach and definition of authors such as Schwartz (2012), Paulo Freire (1970, 1979, 1981, 1989, 1996, 2001) and Morais (2012) that offer the whole theoretical basis to this research. It was used the bibliographical research through procedures of selection and location of books, dissertations, and theses that deal with the theme studied. The results of this research will be of great relevance to my study because it will help me to understand what terminology is used in the level of literacy and how the educators of EJA should be attentive to the new students that are attending the classroom.

Keywords: Research. Youth and Adult. Literacy.

1 INTRODUÇÃO

Cerca de uma década venho debatendo sobre a Educação de jovens e adultos (EJA), em especial o campo da alfabetização. Percorro este caminho desde a graduação em história

no ano de 2007, pela Faculdade Vale do Aporé (FAVA), na especialização em Gestão Educacional, pela Faculdade Integrada de Cassilândia (FIC), abordei a Educação de Jovens e Adultos dentro da temática sobre o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Ao ingressar no ano de 2013 na especialização em educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), mais uma vez trabalhei temas ligados a Educação de Jovens e Adultos voltados para à abordagem dos livros de Paulo Freire e seus momentos históricos na alfabetização de adultos.

Atualmente na minha pesquisa de mestrado trago em discussão os níveis de alfabetização empregados dentro dos conceitos e as práticas escolares. Passo a investigar como esses alunos matriculados na sala da EJA, estão chegando, se já frequentou ou não o ensino fundamental quando crianças ou se é a primeira vez que ele senta em um banco de escola.

Para reforçar a minha pesquisa estou participando desde o ano de 2013 do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira (GEPHEB¹), que tem “como eixos norteadores, a história da escolarização da infância, das práticas, das disciplinas e instituições escolares”, criado no ano de 2005, vem promovendo pesquisas e debates que atenuaram olhares sobre a lógica dos docentes e suas práticas.

Junto ao grupo de estudo fui formulando ideias sobre a minha pesquisa, que me ajudou a trabalhar o estudo das práticas escolares e a pensar como os professores alfabetizadores repensam as suas práticas e se essas práticas vem acompanhadas ou não de uma teoria e como as mesmas são utilizadas pelos professores alfabetizadores da EJA.

Segundo Certeau (2013, p. 46) “uma prática sem teoria desemboca necessariamente, mais dia menos dias, no dogmatismo de valores eternos ou na apologia de um interpessoal”. O professor que não lê e nem se atualiza acaba acreditando do que é trabalhado por ele em sala de aula acaba se tornando uma verdade absoluta, fugindo do senso comum da sua prática.

De acordo com Paulo Freire (1981), promover uma reflexão entre teoria e prática é algo que deve ser constituída dia pós dia, pelo fato da teoria caminhar com o ato de ensinar assim o educador deve se utilizar de experiências anteriores para antedecer os seus trabalhos.

¹O GEPHEB é vinculado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), criado no ano de 2005, tendo como líder o professor Dr. Ademilson Batista Paes e como participante e pesquisadora a professora Dr^a Milka Helena Carrilho Slavez.

Como algo que se constituísse fora da prática. A prática está compreendida nas situações concretas que são codificadas para serem submetidas à análise crítica. Analisar a codificação em sua “estrutura profunda” é, por isso mesmo, repensar a prática anterior e preparar-se para uma nova e diferente prática, se este for o caso. Daí a necessidade, antes referida, de jamais romper-se a unidade entre o contexto teórico e o contexto concreto, entre teoria e prática(FREIRE, 1981, p. 44)

A presente pesquisa nos faz refletir sobre a alfabetização de crianças e adultos principalmente da atuação dos professores alfabetizadores que atuam na EJA e seu papel no contexto social e de que maneira esse professor vê a Educação de Adultos e como aplica ou utiliza dos métodos e práticas no seu trabalho ajudando os alunos a compreender o mundo em que estão inseridos e a entenderem sua importância diante dos desafios de uma sociedade cada vez mais conectada, competitiva e cheia de novas tecnologias que acaba influenciando no dia-a-dia destes educandos.

Afinal, como os professores da EJA estão preparando seus alunos para lidar com os desafios impostos além dos muros da escola?

Para responder esta temática me propus fazer os seguintes questionamentos apontados nesta pesquisa sobre:

- A alfabetização de modo geral ou sobre a alfabetização;
- O conceito de alfabetização para a EJA;
- Quais são os níveis de alfabetização.

Na perspectiva sobre a alfabetização estarei abordando a alfabetização em âmbito geral, principalmente a situação do Brasil em relação a outros países da América Latina.

No conceito de alfabetização para EJA, abordarei como os autores trabalhados define a Alfabetização para o público de Jovens e adultos.

Na parte dos Níveis de alfabetização, o assunto abordado será apresentado de acordo com os dados relatados por SCHARTZ (2012) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO²), que apontam em seus estudos o novo perfil do alfabetizado no Brasil com idade de 15 a 64 anos de idade.

Para responder esses questionamentos estarei me reportando a uma pesquisa bibliográfica como: livros, dissertações, teses e sites na internet, que trazem autores que

² Fundada logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo, através da educação, da ciência, da cultura e das comunicações. A sede da UNESCO fica em Paris, na França, e atua em 112 países.

abordam temas ligados ao estudo sobre a alfabetização e que debatem o conceito de Alfabetização de Jovens e Adultos, com apontamentos que mesmo superficiais trará uma reflexão do trabalho do professor e como o mesmo poderá ajudar a alevancar os níveis de alfabetização no Brasil.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p. 44).

Amaral (2007) escreve que os objetivos principais da pesquisa bibliográfica são: fazer histórico sobre o tema; atualizar-se sobre o tema escolhido; encontrar respostas aos problemas formulados; Levantar contradições sobre o tema e evitar repetição de trabalhos já realizados. Para definir melhor seus objetivos o autor deixa claro seu entendimento sobre o tema.

A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa. (AMARAL, 2007, p. 5).

Portanto, este tema não se encerra apenas neste artigo, o que você estará lendo é só um ensaio da minha pesquisa de mestrado, mas espero alcançar aos poucos os objetivos propostos tanto neste simples ensaio, quanto na dissertação.

2 SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

No dicionário da língua portuguesa o termo alfabetização significa, ação de alfabetizar; o ensino da leitura e da escrita. **Al.fa.be.ti.za.ção.**

A alfabetização pode ser entendida como procedimento que uma pessoa tem em aprender a ler e escrever. Técnica esta utilizada que proporcionará ao sujeito a utilização de uma linguagem que os distinguirá de outros sujeitos por serem capazes de decodificar os códigos ou notações da escrita. O termo alfabetização é debatido por diversos teóricos como aponta Moraes (2012) que assinala que estas concepções ocorrem de acordo com o momento histórico:

Sabemos que as concepções de alfabetização e de estar alfabetizado são históricas e variam ao longo do tempo. Nas seis últimas décadas, mudamos radicalmente nossas concepções sobre esses temas. Se nos anos de 1950, em nosso país, ainda tomávamos por alfabetizado quem sabia assinar o nome, hoje cobramos que os recém – alfabetizados sejam capazes de ler e compreender pequenos textos, além de conseguir produzir pequenos textos (MORAIS, 2012, p. 14).

Diante das concepções de alfabetização as escolas brasileiras apresentam um triste Cenário nos primeiros anos da alfabetização, de acordo com o senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE de 2010, que 9,6% dos brasileiros acima de 15 anos de idade são analfabetas.

Apesar do crescimento das matrículas e obrigatoriedade das crianças dos 06 aos 18 e 11 meses na escola percebe se que ainda há uma lacuna no processo de alfabetização em relação alguns países como: Uruguai 1,7% %, Argentina 2,4%, Paraguai 1,7%, Chile 2,95% e Colômbia 5,9%.

Os números nós apresenta uma realidade insatisfatória, pelo fato de sermos sabedores que o problema do analfabetismo se agrava principalmente na população de baixa renda, apesar de teóricos como Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que utilizou o método na alfabetização, conhecido como psicogênese que por meio de pesquisa e projetos feitos em crianças de 4 a 6 anos de idade, de escolas públicas, demonstrou que indiferente de sua classe social as crianças acabam trilhando o mesmo caminho na escrita.

A aprendizagem é um processo de apropriação do conhecimento que só é possível com o pensar e o agir do sujeito sobre o objeto que ele quer conhecer. Portanto, o conhecimento da leitura e da escrita pela criança dá-se a partir do contato entre ela e os objetos escritos. (RUSSO, 2012, p. 31).

Diante dos debates sobre os métodos, não se pode afirmar o mais adequado a ser aplicados às crianças e adultos que os ajudem ao entendimento geral dos sistemas notacionais da escrita, pelo fato que não basta saber ler, mas saber ler, escrever e interpretar, para considerar que o sujeito está ou não alfabetizado, como afirma Soares (2004 p. 97). “Alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar, e outras semelhantes”.

Ao direcionar nossos estudos mesmo que superficialmente sobre os métodos não podemos deixar de lado o grande estudioso da alfabetização de adultos.

O método Paulo Freire não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo as exigências lógicas do discurso abstrato; simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra. (FREIRE, 1970, p. 7).

É por isso que Moraes (2012, p.113) afirma: “a necessidade de reinventarmos a alfabetização” deixando claro sobre a necessidade de o professor reinventar diversas maneiras de se trabalhar com o aluno na fase inicial da alfabetização, pelo fato de o mesmo acreditar que não exista um único método de se ensinar e aprender, o autor que procura analisar ao longo dos anos os métodos explica que a psicogênese de Ferreiro, é a que mais define os métodos de alfabetização.

[...] a teoria proposta por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979) nos parece ser o único modelo que, seguindo uma preocupação piagetiana, busca explicar a gênese ou origem dos conhecimentos. Neste caso, trata-se de explicar de onde surgem as formas de compreender o SEA que a criança demonstra ter elaborado a cada etapa do processo de alfabetização. (MORAIS, 2012, p.53).

Há décadas se debate sobre os métodos de alfabetização, havendo grandes diálogos, pesquisas divulgadas por intermédio da internet, livros e produções acadêmicas que trazem como bandeira os temas: “alfabetização e seus métodos”, sendo que na realidade o Brasil ainda não conseguiu alinhar-se diante das dificuldades de “alfabetizar”, ficando presos a métodos e suas reinvenções, isso acaba sendo entrave no processo de ensino e aprendizagem.

3 CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO PARA A EJA

A alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil vem ao longo de décadas sofrendo várias transformações no conceito de falar se este ou aquele sujeito esta ou não alfabetizado.

Segundo Schwartz (2012, p.24) “Escrever, elaborar um texto, e ser capaz de utilizar o instrumento da escrita para representar pensamentos, comunicá-los, perpetuá – los, defendê-los, compartilhá-los”. Para muitos pesquisadores ligados a alfabetização de adultos como Paulo Freire, na décadas de 50, já nos alertava para a importância do sujeito e a leitura do mundo, pelo fato de que o sujeito não fique mecanicamente preso somente a escrita de seu nome ou pequenos textos, mas que ele consiga se transformar em um agente que compreenda as suas leituras e escritas associando a uma reflexão e compreensão do que esta diante de si.

O processo de alfabetização de jovens e adultos, não se resume apenas em juntar letras e formar palavras. Para alfabetizar de fato é preciso introduzir os jovens e adultos no universo da escrita, mostrando-lhes os principais tipos de textos que estão presentes em nossa sociedade. O que se deve ensinar em uma sala de adultos são atividades como: o nome dos colegas, lista de palavras significativas, calendários e jogos que forneçam aos alunos informações importantes sobre como funciona a escrita. Neste processo inicial devemos utilizar algumas palavras mais significativas, quando estudadas e analisadas, tornam-se referências de como escrever as outras. (MARQUES, 2012, p. 14)

O censo brasileiro aos poucos veio modificando a maneira de classificar o processo de avaliação que caracteriza se o sujeito é ou não alfabetizado. Na década de 40, para uma pessoa ser considerada alfabetizada, bastava ela se declarar que sabia ler e escrever e se conseguia escrever seu nome. Nas décadas seguintes até o ano dois mil modificou todo o processo de avaliação hoje, para considerar uma pessoa apta, a pessoa tem que ser capaz de ler e escrever um texto simples.

Indiferente das terminologias sobre o conceito de alfabetização, que determina se uma pessoa está ou não alfabetizada, fica evidente que não basta mais uma pessoa saber somente ler e escrever, ou grafar seu próprio nome, tendo ou não domínio de pequenos textos.

Em função da mudança da sociedade, desenvolvimento tecnológico, a escola que sempre esteve presente na sociedade, infelizmente passou por poucas mudanças, ou seja voltou os olhos para dentro de si e não para fora, deixando de analisar suas práticas e observar que o perfil de sua clientela mudou e muito.

Na concepção de Paulo Freire o problema apontado não é a mudança da sociedade, simplesmente o que ocorre é falta de entendimento de visão de mundo para associar a bagagem que os alunos trazem para dentro da sala de aula e aproveitar esse conhecimento na abordagem de seus conteúdos. .

A criança ao chegar na escola tem que se sentir atraída, hoje não basta saber o básico de 10 a 20 anos atrás, a instituição de ensino tem que ofertar mais a estes alunos, principalmente as crianças, para que os mesmos não se sintam excluídos na sociedade e acabam voltando anos mais tarde ao banco da escola se sentindo verdadeiros analfabetos. Isso vale também para os adultos para que estes tenham prazer em estudar e encontrar sentido no que se aprende.

Para Durante (1998, p. 21) “os adultos apresentam dificuldades parecidas com as das crianças para lidar com o todo e as partes das palavras”. Mas o que separa um do outro é o fato

dos adultos não apresentar os níveis primitivos da alfabetização por já estarem associados em uma sociedade letrada e trazerem consigo a vivência de mundo.

Para entender o que define ou não se um sujeito esta de fato alfabetizado, procurei primeiramente entender o conceito de alfabetização.

Para Schwartz (2012, p. 24)

O conceito de “alfabetização”, porém, permite múltiplas interpretações, pois, enquanto para alguns, alfabetizado significa dar conta da leitura de um pequeno texto, seja de um bilhete, seja de um nome de; para outros é fundamental a inserção na cultura escrita e nos usos que dela se faz.

Paulo Freire que conceitua a alfabetização de adultos, como uma reconstrução crítica e uma abertura de novos caminhos. O homem passa a se ver homem participante no mundo em que está inserido sendo assim de grande importância para a sociedade em que se faz parte.

Os alfabetizados partem de algumas poucas palavras que lhes servem para gerar seu universo vocabular. Antes, porém, conscientizam o poder criador dessas palavras: são elas que geram o seu mundo. São significações que se constituem em comportamentos seus; portanto, significações do mundo, mas seus também. Assim, ao visualizarem a palavra escrita, em sua ambígua autonomia, já estão conscientes da dignidade de que ela é portadora – a alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de um mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra. A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. E a sua palavra humana imita a palavra divina: é criadora. (FREIRE, 1970, p. 10).

Os leitores de Paulo Freire compreendem a alfabetização de adultos, como uma educação popular, libertária, sendo assim compreendida por meio da educação que promove a liberdade, que ajuda o aluno a pensar e a caminhar de forma autônoma, sendo o protagonista da sua história de vida.

4 NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Em 2012 Schwartz traz em seu “livro Alfabetização de Jovens e Adultos: Teoria e prática,” um conceito de acordo com o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf³), que define os índices, que demonstra se uma pessoa está ou não alfabetizada no Brasil. A autora demonstra por intermédio de suas pesquisas como esta dividida os níveis de alfabetismo no brasileiros dos 15 aos 64 anos de idade. Lembrando que ler e escrever acontece ao longo da vida, pelo fato do sujeito viver em um mundo letrado não ficando preso somente ao processo dos códigos gráficos. Assim a escrita é muito mais do que a representação gráfica de um código.

A escrita está presente em inúmeros campos, desde a preservação de documentos e da memória coletiva, na circulação permanente de informação, no acúmulo, conservação e partilha de conhecimento, favorecendo o intercâmbio e a interação. A aprendizagem de ambos os processos –ler e escrever- acontece ao longo da vida, não tendo idade determinada para acontecer. (SCHARTZ, 2012, p. 25).

A partir da década de 90 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO⁴) e o IBGE passou a computar em seus dados o alfabetismo nível básico, conhecido no meio educacional como alfabetismo funcional que atinge uma parcela maior da população com 47% dos brasileiros com idade de 15 a 64 anos são considerados funcionalmente alfabetizados, ocupando o primeiro lugar no *ranking* do nível de alfabetização.

Segundo Ribeiro (2006, p. 3) o alfabetismo básico ou funcional consegue, “localiza uma informação em textos curtos ou médios (uma carta ou notícia, por exemplo), mesmo que seja necessário realizar inferências simples”. Neste nível de alfabetismo o sujeito possui menos de quatro anos de escolaridade, mas consegue mesmo sofrendo intervenções compreender textos de média extensão.

Visando, então padronizar os conceitos relacionados esse fenômeno, a Unesco utilizou o termo alfabetismo funcional, definindo, dessa forma, a capacidade de utilizar a leitura e a escrita para fazer frente às demandas do contexto social, empregando essas habilidades para modificar qualitativamente a vida e continuar aprendendo.(SCHARTZ, 2012, p. 26).

³ Revela os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira adulta. Seu principal objetivo é oferecer informações qualificadas sobre as habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática dos brasileiros entre 15 e 64 anos de idade.

⁴ Fundada logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo, através da educação, da ciência, da cultura e das comunicações. A sede da UNESCO fica em Paris, na França, e atua em 112 países.

Em segundo lugar vem com 28% o alfabetismo pleno. Este nível de alfabetismo o sujeito é capaz de interpretar subsídios usuais e culturais da escrita ou seja: “ leem textos mais longos e complexos, relacionando suas partes, comparam e interpretam informações, distinguem fato de opinião, realizam interferências e síntes.” Schwartz (2012, p. 27).

A pesquisadora Vera Masagão Ribeiro também define o alfabetismo nível pleno, na análise de leitura e habilidades em matemática como:

Localiza mais de um item de informação em textos mais longos, compara informação contida em diferentes textos, estabelece relações entre as informações (causa/efeito, regra geral/caso, opinião/fato). Reconhece a informação textual mesmo que contradiga o senso comum. Consegue resolver problemas que envolvem seqüências de operações, por exemplo cálculo de proporção ou percentual de desconto. Interpreta informação oferecida em gráficos, tabelas e mapas. (RIBEIRO, 2006, p. 3).

Ocupando a terceira posição veem o alfabetismo nível rudimentar com 19% dos brasileiros consegue localizar informações específicas em textos curtos como: uma informação simples em enunciados de uma só frase, um anúncio ou chamada de capa de revista.

E para fechar veem o analfabeto absoluto, que enquadra os sujeitos que não conseguem ler e nem escrever com 7% dos sujeitos que domina nenhuma das modalidades da escrita.

Ainda é imaturo dizer que o Brasil conseguirá mudar sua realidade, sendo que a maioria das crianças sabem o básico, permanecendo anos dentro de uma instituição escolar, se vendo diante das dificuldades se exclui e abandonam a escola, voltando anos mais tarde a ocupar esses mesmos bancos como alunos da EJA.

Paulo Freire aponta nos seus livros um distanciamento do professor e aluno, afirma que os educadores devem atribuir em suas práticas a proximidade com seus alunos, na busca do entendimento de que estão inseridos. O autor parte para a leitura da bagagem que constitui cada aluno diante da sociedade em que faz parte, conhecer sua cultura, para tornar a escola atrativa que não retrai em conteúdos distanciados da realidade, mas de um currículo intercultural.

O desrespeito à leitura de mundo do educando revela o gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que, desta forma, não escutando o educando, com ele

não fala. Nele deposita seus comunicados. Há algo ainda de real importância a ser discutido na reflexão sobre a recusa ou ao respeito à leitura de mundo do educando por parte do educador. A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo. (FREIRE, 1996, p. 77).

Na percepção apresentada acima, fica evidente que a escola não é mais uma escola atrativa, pelo fato dos alunos terem dificuldade na interpretação de textos sendo que uma das causas pode esta atribuída na dificuldade, dos alunos assimilarem os conteúdos na idade certa e oportunamente serem esquecidos no processo de ensino e aprendizagem. Assim torna se um problema o fato dos alunos terem frequentado os bancos da escola de no mínimo quatro anos e não terem assimilado o básico. O que falta na realidade é a busca de resolver estes problemas que vão além dos currículos escolares, profissionais, mas esta enraizado num sistema cultural da escola.

Portanto, o que ocorre com as crianças que eventualmente se tornaram adultos frustrados na ideia de alfabetização. O que faltou? Será que os professores vivenciam a escola tornando prazerosa as aulas tanto para crianças quanto na alfabetização de adultos. Fica nítido que no Brasil tem que se pensar a alfabetização em geral não só a de Jovens e adultos, mas gerar uma particularidade reflexiva acima de cada professor, que atuam na prática o que aprenderam nos bancos da universidade. Freire enfatiza em seus livros que o papel do professor é de extrema importância, principalmente como o mesmo desempenha o seu papel na aplicação de seus métodos/práticas partindo do conhecer a sua própria realidade e de seus alunos, colocando na prática entendimento de mundo, associado ao currículo escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente análise objetivei em debater por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico, com intuito de trazer a este debate ou até mesmo para uma simples reflexão, apoiado com autores que abordam a alfabetização e os conceitos de alfabetização da EJA, que poderá até mesmo servir como subsidio a outros pesquisadores que traçam a mesma trajetória de pesquisa.

Para a realização deste trabalho me fundamentei em três grandes autores como: Schwartz, Paulo Freire e Morais. Freire esta presente em quase todo o trabalho, principalmente nos temas ligados a alfabetização de adultos.

Diante da pesquisa realizada propus responder alguns questionamentos, nesta perspectiva procurei abarcar todos os levantamentos e pude aos poucos ir percebendo que o problema referente a alfabetização, não irá diminuir o número de matriculas na EJA, enquanto não houver um trabalho em conjunto, não ficando a cargo somente do professor. Diante deste problema deve haver um estudo sistemático que discuta os problemas da alfabetização em âmbito geral, mas que também traga soluções que consiga corrigir ou equiparar os erros ocorridos na fase inicial que a criança adentra a escola.

Não quero neste artigo atribuir culpados, mas fica nítido que o papel do docente é de suma importância no processo de alfabetização, principalmente na conscientização e reflexão de sua práxis sobre a sua atuação em sala de aula, pelo fato de estar presente lidando no dia a dia direta ou indiretamente com os discentes.

Ante a esta pesquisa observei o quanto é crescente o numero de alfabetismo funcional, deixando as claras que algo de errado está acontecendo nos primeiros anos da alfabetização e o que acende posteriormente uma luz amarela é de fato se estes alunos que passaram pelo ensino regular, despercebidos, não tornem novamente alunos frustrados ao frequentar uma sala da EJA, por conta do rápido processo de ensino fraguimentado em semestres, podendo apresentar no término do ano letivo as mesmas dificuldades das apresentadas de quando adentrou em uma sala de aulas na infância.

È crescente o número de alunos matriculados na EJA, que passaram em média quatro anos em sala de aula, que por vários motivos deixaram de frequentar a escola. O seu retorno as salas de aula traz consigo expectativas, principalmente ligadas ao fator econômico, mas espera-se que ao retornar o professor esteja preparado para “ensinar” este aluno e devolvê-lo a sociedade com no mínimo o básico das disciplinas obrigatóras.

No intuito de responder os questionamentos enumerados no inicio deste artigo farei os seguinte esclarecimentos:

Na parte deste artigo que escreveo sobre “A alfabetização de modo geral”, demonstrei através de números que no Brasil 9,6% dos brasileiros com idade acima dos 15 anos são analfabetos, ficando a frente de países da América do sul.

Sobre o Qual é o conceito de alfabetização. Abordamos a ideia de dois teóricos para nos apoiar disnte deste conceito, Schwartz (2012), que escreve que o coneito de alfabetização nos permite várias interpretações e Freire (1997), que escreve que a alfabetização é o universo cultural do sujeito e sua reconstrução de mundo

nosso próximo assunto, foi apontado sobre os conetis de alfabetismo no Brasil de idade de 15 a 64 anos. Viu se também que é grande o número de pessoas que ficaram 4 (quatro) anos ou mais na sala de aula que não conseguem interpretar textos simples, são conhecidos como alfabetismo funcional.

Enfim, a presente pesquisa trouxe uma abordagem suscinta sobre a alfabetização e seus conceitos e níveis de alfabetizados no Brasil, inclusive apontando para o crescente número de alfabetismo funcional e para a reflexão importante do conhecer os sujeitos envolvidos para uma melhor aplicabilidade das práticas. Para o melhor entendimento foi aplicado um questionário que foi de grande relevância para a esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, João J. F. **como Fazer Uma Pesquisa Bibliográfica**. Disponível em <https://cienciassaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo_C5_Como_fazer_pesqui_a_bibliografica.pdf> Acesso em 02 jun. 2015.

CAVAGNARI, L. B. **Projeto político pedagógico, autonomia e realidade escolar: Entraves e contribuições**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves (Orgs.). Escola: espaço do projeto político-pedagógico. 6. ed. Campinas: Papirus, 2002.

CERTEAU, Michel. (1994), **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Vozes.

_____. CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

DURANTE, Marta. **Alfabetização de Adultos: leitura e produção de textos**. 1 ed. Porto Alegre: Grupo A, 1998.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Ed Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. 25 ed. São Paulo: PAZ e TERRA, 1996.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: PAZ e TERRA, 1970.

_____. **Política e educação**. 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001.

_____. **Ação Cultural Para a Liberdade: e outros escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FILHO, Luciano Mendes de Faria. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

_____. **Pensadores Sociais e História da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Pensadores sociais e história da Educação**. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org). Michel de Certeau e a difícil arte de fazer histórias das práticas. **Belo Horizonte**: autêntica, 2005, p. 257- 284.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo : Atlas, 2002.

GUARNIERI, Maria Regina. **Aprendendo a Ensinar: o caminho nada suave da docência**. 2 ed. Araraquara: autores associados, 2005.

HAHN, Raquel Usevicius. **A PSICOGÊNESE DA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS**. Disponível em http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_Raquel.pdf. Acesso em 01 de mai. 2015.

MARQUES, Bárbara Charlois. **O Processo de Alfabetização de Jovens e Adultos**. Revista eletrônica Saberes da Educação. Marília, v. 03, n 1, p. 1-18, 2012.

MORAIS, Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. 1 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

_____. **Alfabetizar Letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. 1 ed. Belo Horizonte: autêntica Editora, 2010.

RAUBER, Ana Maria da Trindade Rodrigues. **Concepções e perspectivas de educação: um estudo do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos – CEEJA – Dourados/MS**. 2012. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Católica Dom Bosco. 2012

RIBEIRO, Vera Masagão. **Analfabetismo e alfabetismo funcional no Brasil**. Boletim INAF. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro, jul.-ago. 2006.

RUSSO, Maria de Fatima. **Alfabetização: Um Processo em Construção**. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de Jovens e Adultos: teoria e prática**. 2 ed. Petrópolis: Editora vozes, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos**. Revista Pátio. Porto Alegre, v. 7 n 29, p. 96-100, f. 27, 2004.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não haver conflitos de interesse

AUTORES PARA CORRESPONDÊNCIA

Wansley Ferreira de Freitas
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
75825000, Aporé-GO, Brasil
wansleyf@hotmail.com

Renata Lourenço
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
79500-000, Paranaíba, Brasil

re-lourenco@hotmail.com

Submetido em 07/06/2015

Aceito em 15/06/2015